

AS CONDIÇÕES FEMININAS NO BRASIL COLONIAL

Conditions of women in Brazil colonial

Julia Knapp Baseggio¹
Lisa Fernanda Meyer da Silva¹

Resumo: Esta pesquisa é fruto de análises bibliográficas relacionadas ao tema História das Mulheres, com foco no gênero feminino durante o Brasil colonial. Entende-se por Brasil colonial os anos de 1500 a 1822, período em que o território brasileiro foi colônia de outra nação: Portugal. A dominação do território trouxe consigo mudanças nos hábitos da população indígena que aqui vivia e também causou uma miscigenação da população devido ao relacionamento entre diferentes gêneros étnicos, o que contribuiu para a nossa etnia de hoje. O objetivo desta pesquisa é focar as condições de vida das mulheres que têm suas histórias entrelaçadas neste período: as índias, as africanas escravas e as mulheres nobres portuguesas, expondo temas como sexualidade, trabalho, higiene, vestuário e condições sociais.

Palavras-chaves: Escravas. Índias. Mulheres portuguesas.

Abstract: This research is the result of bibliographic analysis related to the subject history of women during the colonial period in Brazil occurred between 1500 and 1822, when Brazil was a colony of another nation: Portugal. The domination of territory brought with it changes in the habits of the indigenous population that lived here and also caused a miscegenation of the population due to the relationship between different ethnic genres, which contributed to our today's race. The objective of this research is to focus on the living conditions of women who have their stories intertwined in this period: the Indian, African slaves, and the Portuguese noble women, exposing subjects like sexuality, work, hygiene and clothing and social conditions.

Keywords: Slaves. Indians. Portuguese women.

Introdução

Este trabalho é um conjunto de pesquisas e análises relacionadas à história das mulheres. Sabe-se que as mulheres, durante um longo período tiveram suas histórias não contadas e vistas como sendo um passado pouco importante.

Na atualidade, esta visão ganha um novo rumo, com estudos e descobertas de que a história das mulheres teve um papel fundamental desde os primórdios da humanidade. Na pré-história, por exemplo, foram elas que mantinham e cuidavam da alimentação dos grupos, muito mais que os homens, que às vezes retornavam de mãos vazias sem terem tido sucesso na caça. Porém, com o tempo as mulheres passaram de produtoras a proprietárias, primeiramente de seus pais e posteriormente de seus maridos. Não tinham o direito de participar da política, da economia e muitas vezes da vida na sociedade.

Os estudos realizados durante este trabalho têm como foco a mulher na sociedade colonial do Brasil, período que abrange os anos de 1500 a 1822, com o intuito de conhecê-las em seus mais variados papéis e funções: as índias, as negras e as mulheres brancas portuguesas.

As condições das índias com a chegada de colonizadores portugueses ocasionou um relacionamento entre duas etnias, gerando assim uma miscigenação do povo brasileiro. Também é importante refletir como foi fundamental o papel da mulher ameríndia nos primeiros anos do

¹ Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR 470 - Km 71 - nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

processo produtivo no Brasil, bem como foi forte a sua resistência em se adequar aos novos costumes impostos pelos colonizadores que no Brasil desembarcavam.

As negras, na sociedade colonial, viviam nas casas-grandes e eram muitas vezes as que iniciavam os filhos dos grandes proprietários na vida sexual. Eram amas de leite, cuidavam da casa, prestavam serviços, e muitas vezes ainda eram submetidas às condições de violência sexual. Perto do fim do regime colonial, muitas conseguiam suas cartas de alforria, conseguindo assim, a liberdade depois de anos de escravidão. Mesmo quando livres, ainda encontravam dificuldades em seus caminhos, agora livres, muitas vezes não tinham para onde ir, e acabavam se tornando prostitutas a fim de evitar a fome e a miséria.

Já as mulheres brancas, eram vistas como a elegância da sociedade. Apesar das más condições de alimentação e higiene em que também viviam, eram as responsáveis por preservar os costumes europeus. Eram excluídas assim, também da educação como muitas vezes das próprias organizações sociais.

As colonas, assim dizendo, eram as que mais sofriam em silêncio com a poligamia, pois seus maridos, em diversos casos, mantinham relacionamentos com escravas e índias e, em troca, era exigido das mulheres brancas, virgindade, sutileza, submissão à moral masculina e também castidade. Ou seja, deviam preservar costumes como a fidelidade e a submissão ao marido em uma terra onde a poligamia era praticada diariamente pelos grandes senhores e seus descendentes.

Sabe-se que, apesar das exigências e da dificuldade em manter aventuras, muitas vezes as próprias donas de grandes fazendas, também mantinham relacionamentos sexuais com negros escravos.

O início da colonização e a união de duas etnias

A colonização do território brasileiro por portugueses começou, de fato, no ano de 1532. Os rumos agrícolas, a noção de família e a escassez de mulheres brancas fizeram com que os homens, recém-chegados, convivessem em uma terra de mulheres de cabelos longos, olhos escuros e totalmente nuas, que se distanciava muito da realidade vivida na Europa.

O desconhecimento e a percepção indígena de que os homens fossem deuses de outro mundo, desembarcando em sua costa territorial, despertou assim o interesse de mulheres índias, que, em um primeiro contato, se entregaram aos homens brancos em troca de um pedaço de espelho ou um pente. “Foram sexualidades exaltadas a dos dois povos que primeiro se encontraram nesta parte da América: o português e a mulher indígena”. (FREYRE, 2013, p. 171).

A sociedade indígena recebeu os portugueses em um mundo totalmente diferente do vivido na Europa. A cultura indígena, de forma hospitaleira, recebeu aqueles homens em sua sociedade e ainda permitiu a união com suas mulheres. Este foi o primeiro grande papel desenvolvido pelas mulheres nos anos de 1500 a 1535, período chamado de pré-colonização, onde os homens, primeiro estabeleceram-se como amigos da cultura existente no território, formando assim as primeiras bases da sociedade que viria a ser colonizada.

De acordo com Gilberto Freyre (2013), não seriam tantos, nem tão agudos os impedimentos como os que dificultam entre os europeus as relações amorosas do homem com a mulher. Este relacionamento com as mulheres indígenas eram muito diferentes do relacionamento amoroso na sociedade europeia, onde o cortejo era essencial e as mulheres agiam de forma mais recatada, contrastando assim, de forma totalmente contrária aos costumes da nudez feminina das mulheres nativas aqui encontradas.

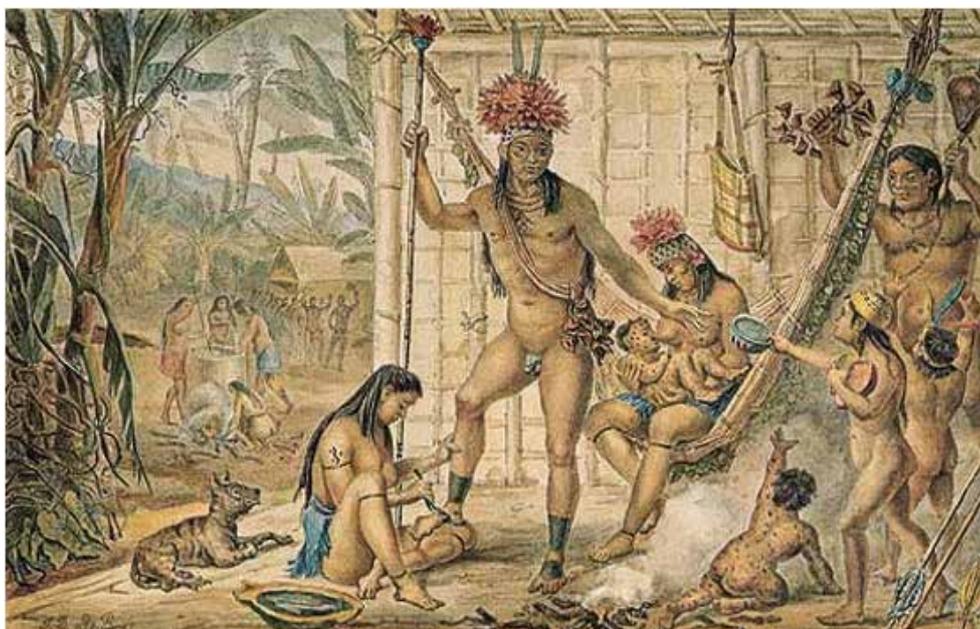
“Já aperfeiçoados à poligamia [...] os portugueses encontraram na moral sexual dos ameríndios o campo fácil para expandir aquela sua tendência [...] de viverem com muitas mulheres”. (FREYRE, 2013, p. 61). Ou seja, o espírito aventureiro e a desbravação dos mares,

permitiu aos homens portugueses aquilo que, na Europa e aos olhos da religião era algo inaceitável: o relacionamento com mais de uma mulher. Em uma terra totalmente distante, do outro lado do oceano, os homens conheceram culturas sexuais diferentes e de forma amigável interagiram com elas.

Quanto à força produtiva, foram as mulheres, muito mais do que os homens que asseguraram as produções e a agricultura para a subsistência antes da chegada dos portugueses. O trabalho no campo era quase todo entregue às mulheres, como o de dentro de casa. Eram as mulheres ameríndias que cuidavam do campo, da casa, dos filhos, enquanto os homens tinham suas atividades voltadas mais às produções artísticas. Gilberto Freyre (2013, p. 13) enfatiza que “a produção artística era exclusiva ou principalmente dos homens [...] a construção da oca era seu trabalho mais duro”.

Mesmo quando grávida a mulher indígena servia ao campo e aos homens. Seu papel na produtividade foi de suma importância para a consolidação da monocultura, que mais tarde seria a base da economia colonial.

Figura 1. A submissão da mulher indígena



Fonte: Disponível em: <<http://fabiopestanaramos.blogspot.com.br/2011/08/brasil-colonial-divergencia-entre-o.html>>. Acesso em: 23 out. 2014.

Na cultura indígena, os meninos eram ensinados a tratar as mulheres de forma inferior, sendo impostos sobre eles ensinamentos e o costume de se considerarem sempre superiores a elas. Ou seja, a submissão da mulher estava também presente na cultura nativa muito antes da chegada dos colonizadores que, viram nos homens índios, uma mão de obra promissora para a sustentação do sistema colonial, o que logo perceberiam terem se enganados.

A aproximação com os portugueses gerou filhos mestiços e a sociedade passou a se concentrar em uma estabilidade patriarcal, onde o homem era o chefe da família. Os anos seguintes da colonização e a formação de um governo português em território brasileiro, fez com que os laços entre indígenas e portugueses fossem rompidos com a tentativa de escravização dos índios. Foram impostos também, através dos jesuítas, novos costumes e hábitos. Os jesuítas, através da religião, queriam catequizar os nativos e impor-lhes novos costumes, com o objetivo

de fazer com que se tornassem civilizados. Os principais hábitos impostos foram os hábitos de higiene, e os hábitos de se vestirem.

As mulheres foram as que mais sofreram com estas mudanças, e foram elas que apresentaram maior resistência a mudarem seus hábitos de nudez para passarem a vestir roupas moralizadas pelos costumes europeus.

Outra imposição foi a divisão sexual do trabalho, as mulheres passaram a ser escravas das famílias, assim, como também, geradoras de filhos fora do casamento dos grandes senhores. E os homens passaram a ser explorados no campo e engenhos. Fato que viria a não dar certo: os homens explorados no campo e as mulheres exploradas em casa, sendo que, eram as mulheres que praticavam e realizavam a agricultura e os homens que se dedicavam às artes e a passagem da cultura e hábitos indígenas aos descendentes.

Assim, com os anos posteriores da colonização, algumas partes da sociedade portuguesa definiram seus territórios aqui no Brasil, mudando-se para esta nova terra. “Atraídos pela possibilidade de uma vida livre, inteiramente solta, no meio de muita mulher nua, aqui se estabeleceram por gosto ou por vontade própria, muitos europeus”. (FREYRE, 2013, p. 26).

A atração entre as mulheres índias por homens vindo do outro lado do mundo, e vice-versa, acabou gerando uma multiplicação de herdeiros do sistema aristocrático, patriarcal e escravocrata.

Neste contexto, a escassez de mulheres brancas, que vinham junto com suas famílias, deixou de ser uma desculpa para a aproximação das etnias, que ainda acaba acontecendo, porém, agora, esta aproximação se dava por vontades próprias dos indivíduos, e não mais por escassez de mulheres. Surge assim a visão da mulher indígena como escrava sexual destes homens, pois a mesma tinha em sua cultura, uma visão sem impedimentos e tabus sexuais.

Assim, as índias no período colonial, são vistas como objetos sexuais, como símbolos do pecado, com corpos nus, curvas, cabelos pretos e pele parda, em comparação a palidez sem graça das mulheres europeias.

Desde a chegada dos portugueses, bem como de outros estrangeiros, e mesmo após a tentativa de escravizar os indígenas, os homens brancos perceberam que a mulher é que era a principal responsável pelo trabalho duro de subsistência antes dos anos de 1500. Talvez este tenha sido o fator que fez com que a escravização indígena desse errado: os homens eram os responsáveis pelas artes e as mulheres pelo serviço no campo, e durante a sua escravização estes papéis foram invertidos.

Os hábitos de higiene, os truques de artesanato e tecelagem, as receitas alimentares, bem como os cuidados íntimos, foram recebidos pelos colonizadores das mãos das mulheres indígenas, elas foram o elemento mais produtor nas culturas primitivas. (FREYRE, 2013).

A exploração servil e sexual das negras africanas

Quando a escravização do índio falhou, e os colonizadores perceberam que precisariam de trabalhadores mais resistentes, encontraram nos africanos aquilo que procuravam. O tráfico de escravos passou a ser uma prática predominante nos períodos do Brasil colonial. A exploração da África fazia com que milhares de negros e negras viessem parar no território brasileiro sob domínio português. As mulheres, junto com homens, eram trazidas em péssimas condições, sujeitas à fome e a doenças.

Os homens, escravos, eram explorados no campo, com um serviço braçal mais bruto. Já as mulheres eram escravas e concubinas das grandes famílias. Assim surge a separação Casa-Grande e Senzala, que tem uma ligação feita pelas mulheres negras, que muitas vezes, são as que criam e alimentam os herdeiros deste sistema colonial.

Neste contexto é que o homem passa a escravizar e se sobrepor como raça superior aos

africanos que para o Brasil eram trazidos como escravos. Assim acontece a dominação de uma raça sobre outra.

A importação de africanos para o Brasil, além de âmbito econômico teve outro objetivo. Com a escassez de mulheres brancas, o tráfico de mulheres negras se deu com uma nova grande necessidade: trazer para a colônia ventres geradores de uma maior quantidade de mão de obra, contando-se com a ação multiplicadora da poligamia e da miscigenação. (FREIRE, 2013). Ou seja, as mulheres negras recém-chegadas eram submetidas ao domínio dos brancos, foram vistas muito além de meras donas de casas e serviçais domésticas. E como afirma Gilberto Freyre (2013, p. 51): “Não há escravidão sem depravação sexual”. A colonização realizada por homens, quase sem mulheres brancas, fez com que as negras, junto com as índias e as mulatas fossem as responsáveis por multiplicarem a mão de obra colonial. Ao relacionar-se com senhores de engenhos e grandes proprietários, ou até mesmo com os filhos jovens destes, as mulheres escravizadas geravam filhos bastardos que serviriam como força produtora da monocultura colonial brasileira.

A dominação sexual que as negras sofreram durante o período colonial trouxe doenças que passaram a se instalar na sociedade, tanto nas grandes famílias como na senzala. A sífilis se deu na mistura entre muitas pessoas de uma mesma etnia e etnias diferentes, e eram repassadas dos senhores que abusavam das escravas, e estas mesmas passavam aos herdeiros que contraíam brincando entre negras e mulatas ao desvirginar-se aos doze ou aos treze anos. (FREYRE, 2013). Porém, a “sífilização”, termo usado por Gilberto Freyre, se deu no Brasil. As mulheres negras contraíam esta doença dos grandes senhores de engenhos, e este relacionamento entre mais de uma pessoa fez com que uma epidemia fosse espalhada, e assim esta doença foi contraída por diversas pessoas na sociedade brasileira.

A sífilis, doença transmitida pelo contato sexual, era uma coisa natural na colônia, onde o relacionamento amoroso se dava de forma muito livre entre os integrantes do Brasil da época. O contato de etnias consideradas superiores, em relação a etnias consideradas inferiores, durante toda a história foi sempre a mesma: extermínio ou degradação. Assim, a “raça” portuguesa fez, ao impor seus costumes a raças que tinham uma enorme cultura que acabou sendo submetida a novos costumes.

As negras, durante a sociedade colonial, foram responsáveis pela integração dos costumes da senzala com os costumes europeus, vindo com os estrangeiros que no Brasil se instalavam. Deve-se a elas a criação e até mesmo a educação de muitos herdeiros de grandes senhores, bem como os ensinamentos de aspectos da cultura africana e do vocabulário que, ao se misturarem com os costumes e hábitos portugueses, originaram uma cultura nova e híbrida: a brasileira. “Somos duas metades confraternizantes que se vêm mutuamente enriquecendo de valores e experiências diversas”. (FREYRE, 2013, p. 54).

Apesar da forte dominação e da depravação que sofriam, as negras eram vistas como as responsáveis por corromperem a vida sexual da sociedade brasileira. O contato entre negras e brancos e brancas e negros se dava de uma forma muito mais ativa do que entre negros e negras.

“É uma sexualidade, a dos negros africanos, que para exercitar-se necessita de estímulos picantes, danças afrodisíacas, culto fálicos, orgias. Enquanto no civilizado o apetite sexual de ordinário se excita sem grandes provocações”. (FREYRE, 2013, p. 54). Isto explica a enorme atração dos homens brancos na cultura sexual africana, que trazia consigo aspectos muito mais intensos do que os relacionamentos sem graça impostos por uma corte europeia.

Na cultura africana a sexualidade era vista e exposta de forma muito mais aventureira, fato que despertava o interesse dos navegadores e colonizadores portugueses.

Portuguesas - as mulheres brancas da sociedade colonial

As mulheres brancas chegaram ao Brasil colonial muito depois do início da sua colonização. Inicialmente vinham com seus maridos que eram designados a chefes e donos de engenhos e grandes lavouras. Na colônia, as mulheres brancas viviam uma realidade muito diferente que a do mundo europeu, e foram as responsáveis por trazerem e criarem hábitos europeus aqui, do outro lado do oceano.

As mulheres muitas vezes tinham uma vida restrita a cuidar dos seus filhos, junto com suas amas escravas. A educação era precária e os costumes eram os que restavam depois de terem deixado a Europa. Aqui encontravam necessidades e dificuldades tanto na vida excluída da sociedade como também na higiene e na alimentação.

Nos primeiros anos da chegada das mulheres, muitas encontravam seus maridos com filhos gerados por índias e escravas. “Com relação ao Brasil, que diga o ditado: branca para casar, mulata para f... e negra para trabalhar”. (FREYRE, 2013, p. 72). A partir disso foi que se estabeleceu uma relação machista de superioridade, e por conveniência de seus maridos, eram tidas como os objetos ou troféus, expostos em longos vestidos. Esta é a imagem que temos de mulheres nobres no Brasil colônia: bem vestidas, espartilhos apertados, e com um sorriso no rosto. Porém, a realidade era muito diferente do que costumam retratar: as condições das mulheres brancas também eram péssimas.

Figura 2. Família colonial brasileira do Rio de Janeiro



Fonte: Disponível em: <<http://educador.brasilecola.com/estrategias-ensino/cotidiano-das-mulheres-negras-no-brasil-colonial.htm>>. Acesso em: 24 out. 2014.

A obra acima é do artista plástico Jean-Baptiste Debret, e representa a família social brasileira no período colonial. Podemos observar as atividades realizadas pelas escravas, e principalmente pela mulher branca, que brinca com crianças negras, que andam junto à sala. Um contraste muito grande de insatisfação feminina é que, muitas mulheres no Brasil colonial, tiveram de criar filhos de seus maridos com outras mulheres.

Se, por um lado, a vida das mulheres brancas casadas era difícil, a das mulheres brancas e solteiras também não eram nada favoráveis. Adotavam práticas de exclusão social exigidas pela família, ou quando engravidavam fora de um casamento eram expulsas e deixadas na rua.

Isso contribuiu para que surgissem prostitutas, pois, a pele branca não as “desqualificavam” a ponto de serem escravas.

Desprovidas de fortuna ou prestígio social, a pele mais clara poderia ser um elemento restritivo adicional, pois na mentalidade vigente não era socialmente concebível que adotassem ocupações consideradas aviltantes e próprias de escravas. Restavam as ocupações intermediárias de costureiras ou fiandeiras, ensinando o ofício quando conseguiam alunas, e assim usando o recurso de formas dissimuladas de prostituição. (CAMPOS, 2007, p. 7).

Com o advento e influência das igrejas, as práticas que até então eram permitidas, como o sexo antes do casamento e a poligamia, passam a ser vistas como pecados e a serem restritas pela igreja. A partir de 1600, surge no mundo a concepção de virgindade antes do casamento.

Basta ver que no Brasil de 1650 não existiam tabus como o da virgindade obrigatória até o casamento. Quebrado em tempos modernos, esse tabu ainda estava por nascer em 1600, e até o século XVIII era difícil achar alguém que se casasse sem antes ter tido relações sexuais. Mas o motivo era bem diferente do atual. É que, naquela época, ter filhos era muito importante. A mulher precisava provar ao homem que era fértil, engravidando antes do compromisso, uma regra consentida por toda a comunidade inclusive pela Igreja, desde que tudo terminasse em casamento. (ALVES, 2011, p. 13).

A partir desta concepção religiosa, de pecado, os pais de moças solteiras passaram a colocá-las em conventos, a fim de restringi-las sexualmente e prepará-las para o casamento. Dentro dos conventos a organização era feminina, ou seja, foi a primeira instituição a ser governada e comandada por mulheres. De acordo com Celma Burille (2010, p. 5): “Nos conventos, as mulheres podiam exercer até cargos de direção e comando. Contavam com a ajuda dos homens para auxiliá-las na administração, mas eram elas que governavam”.

Em um primeiro momento, as mulheres brancas passaram a ter responsabilidades cobradas da família, do marido, da sociedade e uma cobrança fundamental da igreja: a maternidade. Ao aceitar o papel imposto pela religião, as mulheres passaram a ser vistas de maneira importante, por serem as geradoras dos futuros herdeiros daquela colônia. Isso as trouxe também a uma inclusão na sociedade e as privou do abandono. Foram aos poucos conquistando seus espaços e assim surgindo com poderes em uma sociedade amplamente machista.

[...] na colônia, as mulheres brancas passam a ter papel fundamental na liderança social: de negócio, fundadoras de capelas, curadoras, administradoras de fazendas, líderes políticas locais, chefes de família e de política, tinham direito de heranças, seus maridos não podiam dispor da propriedade do casal sem seu consentimento, podiam pedir divórcio dentro dos cânones da Igreja. (BURILLE, 2010, p. 4).

As prostitutas tiveram seu papel destacado na imposição que a religião fez sobre o casamento, que passou a ser obrigatório para adequar uma sociedade à religião. Muitas mulheres e homens casavam sem amor, apenas com a obrigação de gerarem filhos e consequentemente braços para trabalhar. De acordo com Januária Cristina Alves (2011, p. 13):

As prostitutas, por sua vez, foram afastadas do convívio com a comunidade. Antes viviam como as outras mulheres, trabalhando em casa, cuidando dos filhos e dos pais desvalidos. Depois, sofreram dura perseguição. Mas isso não impediu que fossem procuradas pelos homens em busca do prazer e do divertimento vivamente desaconselhados dentro do lar.

A igreja teve um papel fundamental na restrição à sexualidade das mulheres, estas agora deveriam ser recatadas, e isto era uma regra. A fé cristã associava qualquer exposição corporal à prostituição e as mulheres aos olhos da fé, do povo e de Deus deveriam ser as propagadoras dos bons costumes católicos, servindo apenas a Deus e ao seu homem.

A visão de depravação era tida, pela igreja, em relação às negras escravas que eram as culpadas pelos males sexuais da sociedade, bem como a iniciação de meninos na sexualidade e a propagação de doenças. Isto fazia com que as mulheres brancas sofressem uma repressão ainda maior, pois a virtude da senhora branca apoiava-se em grande parte na prostituição da escrava negra. (FREYRE, 2013).

Sobre as mulheres brancas, casadas, recaía a responsabilidade dos partos. Um filho atrás do outro. Um doloroso e contínuo esforço de multiplicação. Também sobre este fato a igreja tem influência, pois proibia o coito interrompido, considerando um pecado infame toda e qualquer relação sexual que vise outro objetivo a não ser o de reprodução. Isto explica o porquê de as negras serem as responsáveis por criarem e amamentarem os filhos de mulheres brancas, que na maioria dos casos com pouca idade, muitas vezes não tinham nem forças para se recuperarem. (FREYRE, 2013).

A mulher passou a ser alvo de uma moral que “esvazia a mulher de qualquer uso prazeroso do corpo” (PRIORE, 1994, p. 16). Os valores impostos pela igreja nortearam as ações em sociedade, modificando os costumes que antes eram considerados livres, sexualmente.

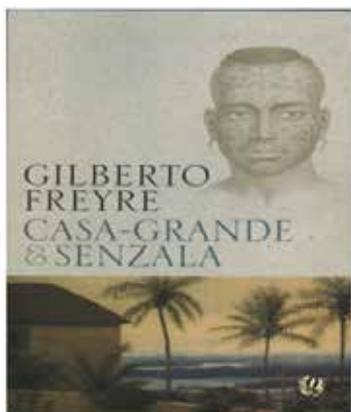
De acordo com Catulo apud Mary Del Priore (1994, p. 18), “É a mulher o centro dos apetites, desejosa de muitas cousas, e se o homem conviver com todos os seus desejos facilmente cairá nos maiores precipícios...” Isso faz da mulher um ser a ser contido pelo bem da sociedade. Os desejos das mulheres levariam os homens a fazerem aquilo que fugiria dos princípios cristãos, e por isto ela deveria ser contida.

Material e métodos

Esta pesquisa foi realizada através de pesquisas bibliográficas e o foco que centrou os objetivos deste trabalho foram estudados através de dois livros, de dois grandes escritores que se dedicaram e produziram uma obra que nos remete como fonte da vida das mulheres no Brasil Colônia: Gilberto Freyre e Mary Del Priore.

Primeiramente, após uma pesquisa aprofundada no livro de Gilberto Freyre: Casa-Grande e Senzala, nos proporcionou um estudo mais aprofundado não somente das mulheres, mas também de toda a sociedade colonial. Não ressaltando apenas a escravidão, mas sim a interação entre duas culturas riquíssimas que deram origem a muitos dos nossos costumes da atualidade.

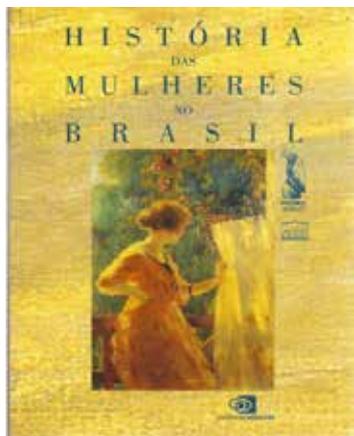
Figura 3. Obra de Gilberto Freyre: Casa-Grande e Senzala



Fonte: Disponível em: <<http://www.cafecomsociologia.com/2010/11/resenha-de-casa-grande-e-senzala.html>>. Acesso em: 24 out. 2014.

Já a obra de Mary Del Priore “A mulher na História do Brasil” busca ressaltar aspectos da vida da mulher em âmbito sexual, subordinado, e expõe uma visão diferente em relação à submissão e a vitimização da mulher na sociedade.

Figura 4. Obra de Mary Del Priore “A Mulher na História do Brasil”



Fonte: Disponível em: <<http://www.historiadigital.org/livros/livro-historia-das-mulheres-no-brasil/>>. Acesso em: 24 out. 2014.

Resultados e discussão

A visão de a mulher servir como propriedade do homem, no Brasil, tem sua origem no Brasil colonial. A mulher deveria ter um papel de exclusão social, de geração de filhos e de submissão ao marido. Esta é a ideia que muitos historiadores antigos tinham sobre a mulher na sociedade colonial, onde o Brasil estava sob domínio português. Ou seja, a mulher não era digna de realizar grandes feitos.

“A mulher [...] só teria papel benéfico dentro deste processo se dentro do casamento e enquanto cumprindo o papel de mãe. Ao fugir da benfeitoria esfera da vida privada ou ao usurpar o poder político como faziam as adúlteras e as feiticeiras, elas tornavam-se um mal.” (MICHELET, apud PRIORE, 1994, p. 12).

Foi apenas a partir de 1970 que a mulher passou a ser alvo de debates e de estudos aprofundados, quando os âmbitos família e sexualidade passaram a ser pesquisados. A partir disso a mulher passou a ser exposta em relação à sua sexualidade, à sua importância e à sua vitimização. Deve-se procurar considerar a questão feminina não como um processo em que foram apenas vítimas do gênero masculino, e sim perceber também, que, apesar das condições de inferioridade, muitas se sobressaíam e decodificavam papéis de poderes informais na sociedade, onde articulavam a sua subordinação: mães, devotas, infratoras, pois os papéis femininos na colônia giravam em torno de maternidade, piedade e sexualidade.

A sexualidade foi um fator que influenciou não só a economia, mas também as relações sociais. A noção de prazer, de atração, de forma efêmera, era a base dos laços de família no Brasil colonial. Esta visão de recolhimento sexual, e de valores, como castidade e virgindade, só passou a ser imposta através da influência da Igreja Católica, que tinha como objetivo conter as relações interétnicas, e impor costumes para uma europeização e a formação de uma base familiar Cristã.

Conclusão

As mulheres tiveram seu papel submetido aos homens durante todos os períodos histó-

ricos anteriores à contemporaneidade. Essa submissão, além de tê-las excluído da sociedade, da economia e da política, formaram as bases sólidas para o mundo. Os valores conservados nas mulheres foram de suma importância para a humanidade: feminilidade, generosidade, sutileza, além de muitos princípios morais.

O mundo, apesar de ser dominado e corrompido, muitas vezes pela ganância dos homens, encontrou um conforto no peito da mulher, que em todos os momentos históricos foi a amiga, a mãe, a mulher. A submissão privou-as de muita coisa, de muitos direitos, de muitas vozes. Porém, foi com a doçura feminina que o mundo evoluiu, tanto que, as mulheres foram o gênero que mais progrediram durante toda a história da humanidade.

Foram generalizadas, subordinadas, reprimidas e ainda assim emergiram na sociedade com tamanha força que o mundo jamais esperava. E é nesse contexto que o sistema colonial brasileiro foi mantido: o peso e as dores foram sustentados pelo colo feminino. A instituição da família foi o que motivou o crescimento tanto econômico como social da colônia que viria a se tornar um país independente.

Nesta colônia, foram elas, as mulheres, que repercutiram os valores e os repassaram para a sociedade. Mesmo dominadas, exploradas, as mulheres não são apenas vítimas desta história. São as principais agentes e responsáveis pelo rumo que a colonização tomou em questão de valores e princípios.

Sendo submetidas ao pai, ao irmão, ao marido e até mesmo à fé cristã, as mulheres foram as transmissoras da cultura, bem como as responsáveis pela formação dos valores masculinos. Homens que aqui chegaram e caíram em tentações pelas índias, não apenas por escassez de opções, mas sim pela carne, pelo desejo, pela paixão a algo que até então jamais tinham presenciado. As negras, principalmente, foram as que contribuíram na criação dos herdeiros, na amamentação e resistiram às maldades impostas pelos adventos coloniais.

Transmitiram também as histórias, os hábitos, os costumes que até hoje vivenciamos. Seja no culto de santos casamenteiros, nas lendas de bicho-papão, nas cantigas e brincadeiras de crianças, como também na própria culinária. Foram destas mulheres submetidas que herdamos, talvez, os melhores traços das nossas culturas. Este aspecto é até hoje presente na vida de muitas mulheres.

O principal papel feminino, tanto branco como escravo, foi o de ser um ventre gerador e multiplicador de braços para as lavouras coloniais. É daí que vem a maior felicidade feminina: ser mãe. Independente dos rumos que a vida profissional tome, ou do tempo que as mulheres dedicam a si mesmas ou a alguém, a vontade e o dom de gerar um filho continua sendo o êxtase da vida feminina na contemporaneidade.

É assim que o Brasil colonial se organizou socialmente, sob mulheres que sustentaram a sociedade com base nas suas emoções, nas suas dores e nos seus pesares. E é disso que herdamos grande parte dos costumes e hábitos das nossas vidas

Referências

ALVES, Januária Cristina. O lado feminino do Brasil colonial. In: ER-2: o espião vira cientista. **Revista Super Interessante**. São Paulo, Abril, v.79, 1994.

BURILLE, Celma Faria de Souza. **O papel das mulheres na organização do espaço social na sociedade colonial**. Oficina do DEB Itinerante. 2010. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2011/historia/1burille_artigo.pdf>. Acesso em: 24 out. 2014.

CAMPOS, Kátia Maria Nunes. **Mulheres coloniais**: Esposas e concubinas numa sociedade escravista. Trabalho apresentado no XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, realizado em Caxambu- MG – Brasil, de 20 a 24 de setembro de 2010. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2010/docs_pdf/tema_10/abep2010_2459.pdf>. Acesso em: 23 out. 2014.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala**: formação da família brasileira sobre o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2003.

PRIORE, Mary Del. **A mulher na história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

Artigo recebido em 15/06/15. Aceito em 17/08/15.
